
Relações intersubjetivas em “extrair”, de Arnaldo Antunes¹

Paula Martins de Souza²

Resumo: Este artigo visa a apresentar mecanismos de significação que estão por trás de relações intersubjetivas dos textos. A metodologia empregada tem por base, por um lado, a Semiótica de linha francesa, notadamente as contribuições de Greimas, Zilberberg, Fiorin e Tatit. Por outro lado, a metodologia nutre-se da segunda tópica freudiana e da matriz intersubjetiva de Coelho Jr. e Figueiredo. Greimas contribui com o percurso gerativo do sentido, no plano do conteúdo, além da postulação de sua junção com o plano da expressão. Zilberberg auxilia com a revisão do nível mais abstrato da significação, além da oposição entre os valores de absoluto, de universo, de apogeu e de abismo. Fiorin provê a distinção entre os sujeitos do discurso. Tatit fornece sua praxeologia, que permitirá proceder a uma oposição entre diferentes modos enunciativos de fazer e, com isso, de estatuir o ser do enunciador, além de uma releitura do acontecimento greimasiano. A essas contribuições, acrescento uma oposição entre os campos objetivo e subjetivo, que organiza interações entre tipos diferentes de sujeito. O poema “extrair”, de Arnaldo Antunes, foi escolhido para a demonstração desses mecanismos de significação. Como resultado, a análise possibilitou compreender o arranjo intersubjetivo que está por trás da configuração de sujeito insurgente do narrador do poema.

Palavras-Chave: Semiótica; Psicanálise; intersubjetividade; poema.

¹ DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.172065>.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com o fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, processo 2012/06292-0.

² Pós-Doutoranda do Departamento de Linguística, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil. Endereço para correspondência: paulamartins@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6053-3197>.

Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar mecanismos de significação que estão por trás de relações intersubjetivas dos textos³. Os mecanismos aqui inventariados restringem-se aos sujeitos internos ao texto analisado, isto é, os sujeitos da enunciação e do enunciado. Estudos da intersubjetividade intertextual teriam igual pertinência, mas não fazem parte do recorte empreendido por este artigo.

O objetivo de estudar os mecanismos de significação das relações intersubjetivas dos textos decorre de uma inquietação diante da conjuntura, em certo sentido paradoxal, em que a disciplina Semiótica se mantém afeita a seu gesto inaugural de evitação do problema da subjetividade, ao mesmo tempo em que se vem reelaborando para dar conta da espessura do sujeito, como ilustram a virada modal, nos anos 1980, que buscou evidenciar os motores dos sujeitos actanciais, e a virada fenomenológica, nos anos 1990, motivada pela necessidade de descentralizar a ação, isto é, o verbo, para ceder espaço à paixão, ou seja, ao sujeito (Souza, 2016, p. 3-4).

A *intersubjetividade*, em lugar da subjetividade, ganhou o centro da cena de modo natural. Ainda que não se tenha consolidado sob essa designação em nossa disciplina, a semiótica das paixões (Greimas; Fontanille, 1993 [1991]) já é uma abordagem intersubjetiva, na medida em que a significação das paixões depende da inter-relação entre sujeitos, ainda que esses sujeitos estejam consubstanciados no mesmo ator, como é o caso da análise apresentada por este artigo. O que se propõe, aqui, é a distinção entre os efeitos de sentido provocados pelas interações entre diversos sujeitos, partindo da premissa de que uma mesma relação entre sujeitos tem um efeito de sentido diferente se eles forem atores diferentes ou se forem o mesmo ator, ou ainda, se esses sujeitos pertencerem ou não ao mesmo nível, enunciativo ou enuncivo. Basta pensar na diferença de sentido entre a automutilação e a mutilação de outrem, entre o amor próprio e o amor por outrem, entre a desconfiança de si mesmo ou a desconfiança de outrem, além da diferença de sentido entre uma ironia em meio a sujeitos do enunciado, em meio a sujeitos da enunciação ou, assimetricamente, envolvendo um sujeito da enunciação e um sujeito do enunciado. A apreensão dessas fecundas nuances de sentido é o objetivo da pesquisa que embasa este artigo.

A metodologia empregada tem por base, por um lado, a Semiótica de linha francesa, notadamente as contribuições de Algirdas Julien Greimas, Claude Zilberberg, José Luiz Fiorin e Luiz Tatit. Greimas contribui com a constituição progressiva da estrutura da significação, dividida nas três etapas do percurso

³ A proposta deste artigo foi publicada anteriormente na tese de doutoramento intitulada *O sujeito semiótico. Uma tipologia* (Souza, 2016), mas esta versão contém diversas modificações, as quais foram acrescidas sobretudo com o objetivo de condensar os pressupostos metodológicos que viabilizam sua leitura independente.

gerativo do sentido, no plano do conteúdo (Greimas, 1970, 157-183), além da postulação de sua junção com o plano da expressão (Arrivé; Coquet, 1987, p. 329). Zilberberg auxilia com a revisão do nível mais abstrato da significação, além de sua axiologia, no sentido etimológico do termo, que consiste na oposição entre os valores de absoluto, de universo, de apogeu e de abismo (Zilberberg, 2012, p. 45-48). Sua revisão do nível mais abstrato da significação, como é sabido, radicaliza a abstração das categorias de análise, oferecendo, assim, um dos modos possíveis de agrupar a significação que emana do plano da expressão e do conteúdo, conforme postulado por Greimas (Zilberberg, 2011 [2006], p. 45-93). Fiorin provê a distinção entre os diversos sujeitos do discurso (Fiorin, 2020, p. 24-31). Tatit fornece sua praxeologia, composta pelas práticas utilitárias, artística, desvairadas e impregnantes (Tatit, 2010, 107-125), a qual permite proceder a uma oposição entre diferentes modos enunciativos de fazer e, com isso, de estatuir o ser, além de sua reinterpretação do acontecimento greimasiano, fazendo emergir sutilezas da relação entre destinador e destinatário (Tatit, 2010, p. 45-70). A essas contribuições, acrescento uma oposição entre os campos objetivo e subjetivo dos sujeitos, a qual possibilita compreender especificidades dos sujeitos da enunciação em relação a sujeitos do enunciado, mas também, a especificidade de sujeitos da enunciação em relação a outros sujeitos da enunciação, e a especificidade de sujeitos do enunciado em relação a outros sujeitos do enunciado, pois essa diferenciação entre os campos objetivo e subjetivo organiza as relações entre diferentes tipos de sujeito (Souza, 2012, p. 76-77; Souza, 2016, p. 101-107; Souza, 2018, p. 120-122). Por outro lado, a metodologia nutre-se da segunda tópica freudiana (Freud, 1981, p. 3134) e da matriz intersubjetiva dos psicanalistas e epistemólogos Nelson Coelho Jr. e Luís Claudio Figueiredo (2012).

O texto escolhido para a demonstração desses mecanismos de significação que estão por trás de relações intersubjetivas é o poema “extrair”⁴, de Arnaldo Antunes (2015, p. 93).

Como resultado, a análise possibilitou compreender o mecanismo intersubjetivo que configura o narrador do poema como um *sujeito insurgente*.

A primeira seção do artigo foi reservada à exposição de uma proposta de adequação metodológica da análise semiótica ao estudo da intersubjetividade. A segunda seção foi reservada à análise do poema “extrair”, em que a adequação proposta é aplicada⁵.

⁴ Assim como ocorre com os demais poemas da obra de que faz parte, o poema em análise não possui título. O nome “extrair” é o que consta do sumário da edição.

⁵ Outras análises que empregam essa proposta de adequação metodológica podem ser vistas em Souza (2012; 2016; 2018).

1. Proposta de adequação metodológica da análise semiótica ao estudo da intersubjetividade

Nesta seção, será apresentada a adequação da metodologia semiótica à análise de relações intersubjetivas. A primeira subseção foi reservada à definição dos sujeitos cujas interações intersubjetivas interessa estudar. Veremos que não se trata do sujeito em nível narrativo, mas dos sujeitos que estão no nível mais superficial do percurso gerativo do sentido, pois o que interessa na análise intersubjetiva proposta são as relações entre personalidades já formadas, conforme enfatiza Marcos Lopes (2003, p. d3) ao distinguir o tipo de análise de sujeitos a que Propp e Freud procedem, diferenciando a análise de funções da análise de personalidades. A fim de evitar confusões terminológicas, os sujeitos em foco serão chamados *sujeitos lato sensu*. A segunda subseção dedica-se à exposição da diferença entre destinadores da introversão e da extroversão, cujos programas narrativos que fomentam está na base da elaboração de uma tipologia de sujeitos, apresentada na terceira subseção. A quarta subseção propõe o desdobramento da análise de sujeitos em dois espaços tensivos, sendo um deles responsável pelo campo subjetivo e o outro, pelo campo objetivo. As variações de intensidade e extensidade entre esses espaços tensivos seria correlata à diferença de concepção, simétrica ou assimétrica, entre sujeitos do discurso, gerando diferentes efeitos de sentido intersubjetivos.

1.1 Sujeitos *lato sensu* e *stricto sensu*

Para examinar as relações intersubjetivas dos textos por meio da Semiótica, cumpre, antes de tudo, compreender o que essa disciplina chama de sujeito. Deparamo-nos, então, com uma pluralidade desorientadora de categorias de análise assim nomeadas no percurso gerativo do sentido. No nível discursivo, temos o enunciador e o enunciatário, o narrador e o narratário, o interlocutor e o interlocutário. No nível narrativo, temos o destinador-manipulador e o destinatário-manipulado, o sujeito, o destinador-julgador e o destinatário-julgado. Conhecemos o que esses sujeitos têm de diferente e quais são as diferenças de suas funções. O que, porém, os une sob a mesma designação? O estudo de Fiorin intitulado “O sujeito na semiótica narrativa e discursiva” (2007) é esclarecedor: todos esses sujeitos são definidos por sua relação com o objeto. As diferentes relações que contraem com seus objetos, descritivos e modais, conferem a eles valores, modos de existência, ações, características em geral.

À luz dessa caracterização dos sujeitos na semiótica narrativa e discursiva, consideremos a distinção entre sujeitos do nível narrativo e do nível discursivo. Em nossa disciplina, convencionou-se pensar que a enunciação está para o enunciado, assim como os sujeitos da enunciação estão para o sujeito do nível narrativo quando, no fundo, o nível narrativo, assim como o nível fundamental ou tensivo, é um nível puramente formal. Os níveis narrativo e fundamental ou

tensivo nunca recebem preenchimento da substância diretamente, mas operacionalizam as relações entre as categorias que os recebem em nível superior. É por essa razão que “Bentinho”, de *Dom Casmurro* (Machado de Assis, 1994 [1899]), nunca é sujeito, em nível narrativo, mas sim ator, em nível discursivo, que, por sua vez, desempenha as funções de sujeito, objeto, destinador, destinatário... Os níveis formais do percurso gerativo do sentido são *definidores*, ao passo que os níveis superiores, com a textualização inclusa, são *definidos*. Os níveis definidores mostram como se estabelecem as relações entre os elementos dos níveis superiores, já preenchidos com substâncias, de maneira a defini-los por meio do estabelecimento das relações. Desse modo, a enunciação está para o enunciado assim como os sujeitos da enunciação estão para os atores.

A análise de relações intersubjetivas interessa-se por esses sujeitos semanticamente investidos, pois visa a investigar decorrências passionais de seus encontros e desencontros. Assim sendo, uma primeira distinção precisa ser estabelecida. De um lado, temos os sujeitos *stricto sensu* (Souza, 2016, p. 77; Souza, 2018, p. 117), que são os sujeitos do nível narrativo. De outro lado, temos os sujeitos *lato sensu* (Souza, 2016, p. 77; Souza, 2018, p. 117), que são os sujeitos já investidos de propriedades substanciais (com caracterizações, paixões, inclinações, modos de ser), isto é, os sujeitos da enunciação e os atores (ver Tabela 1), do nível discursivo. Essa designação foi estabelecida porque os sujeitos da enunciação e os atores são mais parecidos com a concepção corrente de sujeito, a qual abarca sua personalidade.

Tabela 1: Distinção entre sujeitos *lato sensu* e *stricto sensu*.

Sujeitos <i>lato sensu</i>	Nível Discursivo	Sujeitos da Enunciação			Sujeitos do Enunciado
		Enunciador e Enunciatário	Narrador e Narratário	Interlocutor e Interlocutário	Atores
Sujeitos <i>stricto sensu</i>	Nível Narrativo	Actantes			
		Destinador manipulador e destinatário manipulado	Sujeito	Destinador julgador e Destinatário julgado	

Fonte: Elaboração própria.

1.2 Destinatores da introversão e da extroversão

A intersubjetividade é um fenômeno complexo, estudado por diversas disciplinas, tais como a Filosofia, a Sociologia, a Psicologia ou a Psicanálise. Esse fenômeno reúne diferentes pontos de vista sob a mesma designação. Com a finalidade de compreender diferenças marcantes na argumentação de psicanalistas a respeito da intersubjetividade, os psicanalistas e epistemólogos Coelho Jr. e Figueiredo (2012, p. 19-35) elaboraram uma matriz das intersubjetividades, que agrupa quatro concepções diferentes, chamadas *interpessoal*, *traumática*, *intrapsíquica* e *transubjetiva*. Para reduzir a introdução dos elementos que embasarão a análise da segunda seção, restrinjo-me a apresentar a matriz que será aproveitada no estudo do poema em vista. O aproveitamento das quatro matrizes da intersubjetividade para análise semiótica pode ser conferido em Souza (2016, p. 81-89).

A intersubjetividade intrapsíquica tem por base contribuições da psicanálise. Segundo os autores, essa matriz dá conta do “estudo das experiências ‘intersubjetivas’ estabelecidas no ‘interior’ das subjetividades” (Coelho Jr.; Figueiredo, 2012, p. 25). A base principal dessa matriz é a segunda tópica freudiana, organizada pelas instâncias psíquicas *ego*, *id* e *superego* (Freud, 1981, p. 3134), além dos desenvolvimentos de outros psicanalistas, nomeadamente Melanie Klein, William Fairbairn e Donald Winnicott. Embora as relações intersubjetivas intrapsíquicas não ocorram entre diferentes indivíduos, nem por isso deixa de ser intersubjetiva. Para exemplificá-las, Coelho Jr. e Figueiredo mencionam o “objeto interno” de Klein, que seria uma experiência inconsciente do bebê, muito primitiva, em que seu imaginário estaria povoado de seres bons e maus. A força dessas fantasias, no entanto, seria tão saturada que não seria possível distingui-las da realidade.

De acordo com Freud, o psiquismo é povoado por diferentes instâncias no inconsciente, as quais têm distintas propensões e, com isso, estão em constante negociação. Uma passagem da XXXI das *Novas lições introdutórias à Psicanálise*, intitulada “Dissecação da personalidade psíquica” (Freud, 1981 [1932], p. 3132-3146), é ilustrativa desse conflito constantemente vivenciado por cada indivíduo.

Um provérbio adverte a impossibilidade de se servir a dois senhores ao mesmo tempo. O pobre ego se vê em apuros ainda maiores: serve a três severos amos e se esforça por conciliar suas exigências e suas ordens. Tais exigências diferem sempre e, às vezes, parecem inconciliáveis. Assim, não é de se estranhar que o ego fracasse tão frequentemente em sua tarefa. Seus três amos são o mundo externo, o superego e o id. Se considerarmos os esforços do ego para comprazer a todos ao mesmo tempo, ou, melhor dizendo, para obedecê-los simultaneamente, já não lamentaremos tê-lo personificado e apresentado como um ser à parte. [...] Desse modo, conduzido pelo id, restringido pelo

superego e rechaçado pela realidade, o ego luta para levar a cabo sua missão econômica, a de estabelecer uma harmonia entre as forças e os influxos que atuam nele e sobre ele; e compreendemos por que, às vezes, não podemos deixar de exclamar : “Que difícil é a vida!” Quando o ego tem de reconhecer sua debilidade, afunda-se em angústia: angústia real ante o mundo externo, angústia moral ante o superego e angústia neurótica ante a força das paixões do id (Freud, 1981 [1932], p. 3144- 3145 – tradução livre)⁶.

Na terminologia Semiótica, as relações de natureza reconhecidamente intersubjetiva restringem-se às relações entre destinadores e destinatários. A concepção de intersubjetividade intrapsíquica é aproveitada aqui para distinguir relações intersubjetivas *entre* indivíduos das relações intersubjetivas *internas* ao indivíduo. Em termos semióticos, as relações intrapsíquicas estabelecem-se entre diferentes inclinações de um *mesmo* sujeito *lato sensu*. As demais relações intersubjetivas ocorrem *entre* sujeitos *lato sensu*.

A adequação metodológica aqui proposta adota esse postulado freudiano, segundo o qual há concorrência entre as diferentes instâncias psíquicas dos sujeitos. A razão de adotá-lo não se aparta muito da razão que o levou a formulá-lo. Freud enxergava, nas diversas sessões de análise, com diferentes pacientes, recorrências existentes sob as variações: fosse nos sintomas, nos atos falhos, nos sonhos ou nos devaneios, seus pacientes apresentavam comportamentos repetidos que traíam seus próprios interesses sem nenhuma vantagem aparente e sem que qualquer fundamento orgânico pudesse justificá-los. Decorre daí que, se se trata de um fenômeno mental e cada sujeito possui apenas uma mente, então ela é constituída por instâncias antagônicas. Poderia ser sustentada a hipótese de que os pacientes traem a si mesmos por uma questão accidental, mas a recorrência observada entre diversos pacientes enfraqueceria essa postulação.

Uma questão semelhante nos é imposta diante dos “sujeitos de papel”. Eles se traem. Por mais que nós, enunciatários, soframos com os “erros” das personagens, irritemo-nos com seus atos injustificados e lesivos, torçamos para que se deem conta do mau caminho que seguem, no fundo, simplesmente não nos interessaríamos por seus enredos caso agissem de outro modo. Talvez

⁶ Un proverbio advierte la imposibilidad de servir a la vez a dos señores. El pobre yo se ve aún más apurado: sirve a tres severos amos y se esfuerza en conciliar sus exigencias y sus mandatos. Tales exigencias difieren siempre, y a veces parecen inconciliables; nada, pues, tiene de extraño que el yo fracase tan frecuentemente en su tarea. Sus tres amos son el mundo exterior, el super-yo y el ello. Si consideramos los esfuerzos del yo para complacerlos al mismo tiempo o, mejor dicho, para obedecerlos simultáneamente, no lamentaremos ya haberlo personificado y presentado como un ser aparte. [...] De este modo, conducido por el ello, restringido por el super-yo y rechazado por la realidad, el yo lucha por llevar a cabo su misión económica, la de establecer una armonía entre las fuerzas y los influjos que actúan en él y sobre él; y comprendemos por qué, a veces, no podemos menos de exclamar: “¡Qué difícil es la vida!” Cuando el yo tiene que reconocer su debilidad, se anega en angustia, angustia real ante el mundo exterior, angustia moral ante el super-yo, y angustia neurótica ante la fuerza de las pasiones en el ello.

porque se desumanizassem, talvez porque transformassem a experiência do espectador em algo maçante, da ordem do previsível.⁷

Tendo por base a economia metodológica já consolidada na Semiótica, podemos considerar as diferentes inclinações internas a cada indivíduo como diferentes destinadores. De um lado, teríamos a destinação, ou programa narrativo (doravante, PN) do *superego*, de outro lado, o PN do *id*, e, no centro, o *ego*, enquanto sujeito *stricto sensu*, isto é, enquanto sujeito do nível narrativo, manipulado pelos dois destinadores antagônicos. Empregando a terminologia de Freud, o PN do *superego* responderia pelo *princípio de realidade*, ao passo que o PN do *id* responderia pelo *princípio de prazer* (Freud, 1981 [1931], p. 3143). Àquele que detém os valores do *superego*, chamaremos *destinador da introversão* (Souza, 2016, p. 110; Souza, 2018, p. 126-127). Ao detentor dos valores do *id*, chamaremos *destinador da extroversão* (Souza, 2016, p. 110; Souza, 2018, p. 126-127)⁸.

Os destinadores antagônicos, da introversão e da extroversão, segundo esta proposta, devem ser considerados independentemente dos destinadores manifestados nos textos. O postulado que sustenta sua intervenção na metodologia Semiótica é de natureza intrapsíquica, de maneira que essas instâncias da destinação estariam internalizadas por cada sujeito *lato sensu*, configurando sua personalidade, a qual seria analisável por suas relações em nível mais abstrato, enquanto sujeito *stricto sensu*, pois é nas relações que estabelece com seus destinadores antagônicos que esses traços de personalidade seriam manifestados. O modo de relação entre destinador e destinatário-sujeito é aquele já empregado pela metodologia Semiótica, isto é, a teoria das modalidades (Greimas, 1983, p. 67-91). Cada um dos destinadores antagônicos seria o guardião de uma modalidade virtualizante e de uma modalidade atualizante. Se mantivermos em mente o princípio de realidade que rege o destinador da introversão, é fácil concluir que sua modalidade virtualizante é o *dever*, ao passo que sua modalidade atualizante é o *saber*. O destinador da extroversão, regido, por sua vez, pelo princípio do prazer, é detentor da modalidade virtualizante *querer* e da modalidade atualizante *poder* (ver Tabela 2).

⁷ A justificativa mais detalhada da adoção desse postulado pode ser vista em Souza (2016, p. 91-101).

⁸ Por mais chamativa que possa ser a coincidência desses termos com o estudo da consciência de Carl Jung, suas contribuições, embora muito significativas, não participaram dessa formulação, ainda que sejam evidentes pontos de contato entre os temas. Apesar da possível confusão, não abdiquei desses termos, simplesmente depreendidos do dicionário por meio de uma análise sêmica, porque não pude encontrar melhores.

Tabela 2: Distribuição de modalidades virtualizantes e atualizantes entre destinadores antagônicos.

	Modalidades virtualizantes	Modalidades atualizantes
Destinador da introversão	Dever	Saber
Destinador da extroversão	Querer	Poder

Fonte: Elaboração própria.

A partir dessa distribuição de modalidades entre os destinadores antagônicos, podemos classificar tipos de sujeito. O motivo dessa classificação é o cotejo. Ainda que interesse à análise das relações intersubjetivas capturar nuances idiossincráticas das personalidades, é a classificação que dá à luz a exceção. Em outras palavras, quando nos damos conta das tendências, estudando sistemas de expectativas, é que percebemos as exceções e, com elas, as individualidades. A próxima subseção foi dedicada à exposição de uma tipologia de sujeitos, que se embasa nessa divisão entre os destinadores antagônicos.

1.3 Tipologia de sujeitos

A construção da tipologia de sujeitos inicia-se simplesmente com a divisão entre sujeitos mais propensos ao PN da introversão, que chamaremos de *sujeitos introvertidos* (Souza, 2016, p. 115-116; Souza, 2018, p. 127), e sujeitos mais adeptos ao PN da extroversão, chamados de *sujeitos extrovertidos* (Souza, 2016, p. 115-116; Souza, 2018, p. 131). *Propensão* ou *adesão* não são termos casuais. É importante ter em mente que o postulado que embasa a adequação metodológica aqui proposta não é dicotômico. A ideia é que todos os sujeitos seriam manipulados pelos dois destinadores antagônicos ao mesmo tempo, tendo de se decidir, a cada vez, entre a *realidade* e o *prazer*, seja na decisão de lavar ou não a louça após a refeição, seja na decisão do alcoólatra abstêmico de tomar ou não o próximo gole. Nesse sentido, o sujeito que “não deixa para amanhã o que pode fazer hoje” é predominantemente introvertido, já o sujeito que “não deixa para amanhã o que pode fazer depois de amanhã” é predominantemente extrovertido.

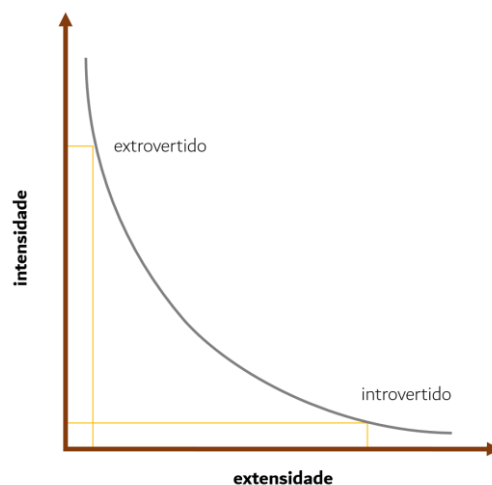
A disposição afetiva desses dois tipos de sujeito é oposta. Nos termos do nível tensivo (Zilberberg, 2011 [2006], p. 45-93), o sujeito introvertido tende a preferir a baixa intensidade, pois, desse modo, pode refletir a respeito dos eventos com tranquilidade antes de agir. O senso de dever do introvertido internaliza a alteridade, prevendo conflitos possíveis e fazendo o que estiver a seu alcance para os evitar. Com seu cálculo interno antecedendo a ação, evita aquilo que mais o desagrada: o acontecimento, pois ele eleva a intensidade, tirando-o de seu centro de equilíbrio.

O sujeito extrovertido, por sua vez, prefere a alta intensidade. Sua disposição psíquica é estimulada pelos acontecimentos. Por essa razão, suas ações são frequentemente irrefletidas. Se o sujeito introvertido pensa duas vezes antes de fazer, o sujeito extrovertido faz duas vezes antes de pensar. Lembremos que é o querer a modalidade virtualizante desse tipo de sujeito, e seu principal modo de atuação é pelo poder, não pelo saber.

A relação desses dois tipos de sujeito com a extensidade também é oposta. Regido pelo *super-ego*, como dito acima, o sujeito introvertido internaliza a alteridade, pois pensa nas consequências de suas ações ante os outros antes de agir. Ele *internaliza o antissujeito*, pois calcula as forças remissivas que poderiam se interpor entre ele e seu objeto. É com a sabedoria que ele negociará com a alteridade a passagem até seu objetivo. Trata-se de um sujeito que age de modo diplomático. A extensidade almejada pelo sujeito introvertido é ampla. Ao mesmo tempo em que atende a seu sentimento de dever para com o mundo externo, aumenta seu saber via reflexão sobre esse mundo.

Quando se trata da regência do *id*, a concepção é invertida. Na visão do sujeito extrovertido, não há nada nem ninguém entre seu querer e seu objeto. O *id* não é social. Ele é narcísico. A extensidade internalizada desse tipo de sujeito é curta, mesmo porque, esse arranjo privilegia os acontecimentos, que tanto estima. À falta da internalização do mundo externo, do conhecimento de mundo e do outro, age pelo poder. A Figura 1 projeta a disposição ideal dos sujeitos introvertido e extrovertido no espaço tensivo.

Figura 1: Projeção da disposição ideal dos sujeitos introvertido e extrovertido no espaço tensivo.



Fonte: Souza, 2016, p. 118.

Não é preciso dizer que as diferentes estratégias dos dois tipos de sujeito são modos de lidar com um antissujeito que, de um modo ou de outro, aparecerá. O sujeito introvertido caminha ao lado do antissujeito todo o tempo, estuda-o, identifica-se com ele, dá-lhe razão e se culpa. Em situação extrema, aniquila-se em nome da alteridade. Se seu destinador recessivo da extroversão enfraquece-se, o sujeito introvertido perde seu pouco querer e seu pouco poder. Todos os seus atos passam a parecer perigosos, egoístas, intrusivos. Sua ampla espacialidade internalizada destrói sua espacialidade realizada, isto é, do mundo real. O antissujeito é tão vívido em sua mente que se torna insuportável enfrentá-lo na vida real.

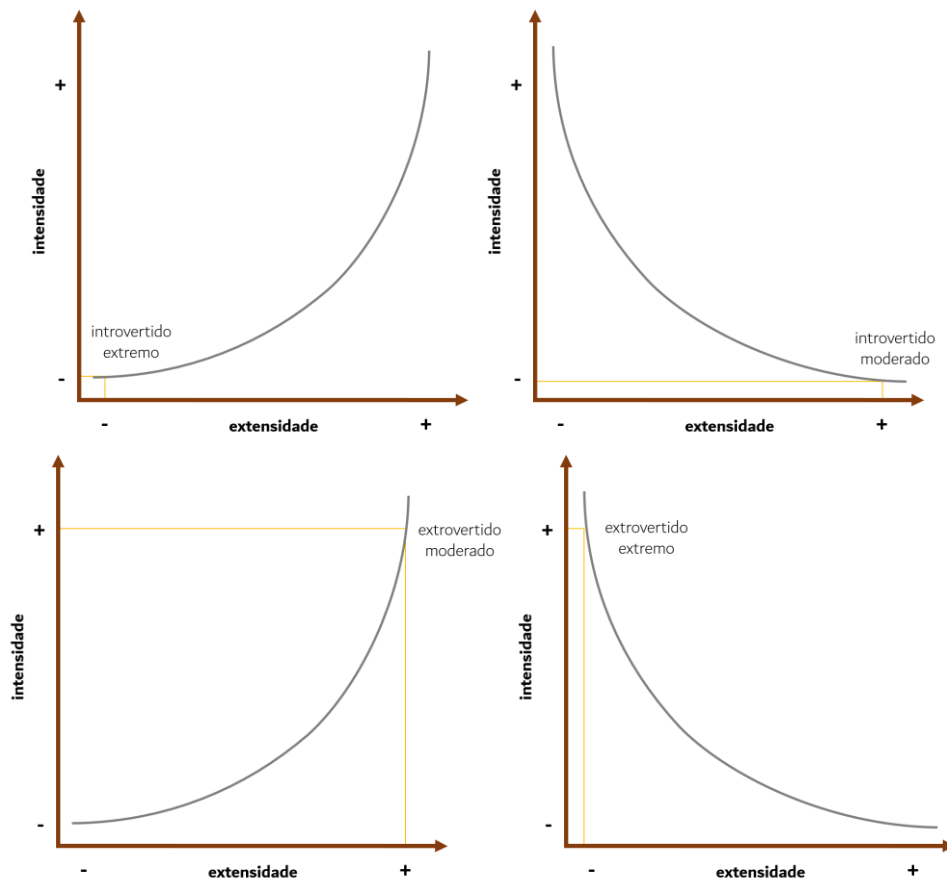
O sujeito extrovertido não conhece o antissujeito. Como dito há pouco, nada se interpõe entre ele e seu objeto. O mundo parece seguro, e o querer dos outros não interfere no seu. Lança-se na espacialidade do mundo externo com a segurança de quem não sabe o que o aguarda. Suas relações polêmicas, conseqüentemente, são muito mais frequentes, correndo o risco de se exaurir nas batalhas de poder em que se insere. Quando seu destinador recessivo da introversão fica muito fraco, perde todo o senso de dever e não sabe mais o que faz. Nesses casos extremos, sua existência é uma questão de tempo: ela só se mantém até encontrar um antissujeito mais poderoso.

Ainda que busquemos um equilíbrio, todos nós temos um destinador dominante e outro recessivo. O grau de dominância / recessividade, entretanto, varia, fazendo com que os sujeitos sejam mais extremos ou mais moderados em suas inclinações introvertidas ou extrovertidas. Os sujeitos mais moderados terão confrontos menos danosos com a alteridade, ao passo que os extremos sofrerão mais fortemente esse confronto, correndo o risco de se extinguir, conforme dito acima. Em termos tensivos, é a extensidade que regula o grau de adesão do sujeito ao destinador, seja da introversão, seja da extroversão. Em termos correntes, é a alteridade que procede a essa regulação. É preciso ressaltar, entretanto, que não estamos mais falando da extensidade ideal do sujeito, por ele internalizada, mas da extensidade em seu encontro com a realidade, pois há uma diferença não negligenciável entre o mundo como concebemos e o mundo como ele é, seja para nós, sujeitos de carne e osso, seja para os “sujeitos de papel”⁹ dos textos. Quanto maior a abertura do sujeito para a alteridade, ou seja, quanto maior a abertura de sua extensidade, mais moderado ele será. Essa distinção entre ponto de vista do sujeito e sua realidade interessa profundamente à análise intersubjetiva, pois o ponto de vista que não é o do sujeito é o ponto de vista do outro, seja ele quem for. Essa distinção será formalizada na próxima subseção. Por enquanto, cabe concluir a introdução à tipologia de sujeitos.

⁹ Apesar da metáfora, refiro-me aos sujeitos dos textos em geral, produzidos em qualquer linguagem, seja verbal, musical, visual, sincrética etc.

Os sujeitos introvertidos que têm maior tolerância à extensidade serão chamados sujeitos *introvertidos moderados*, ao passo que os que têm menor tolerância serão os sujeitos *introvertidos extremos*. O mesmo vale para os extrovertidos. Aqueles com maior tolerância à extensidade serão nomeados *extrovertidos moderados*, enquanto os menos tolerantes serão os *extrovertidos extremos* (ver Figura 2).

Figura 2: Tipologia de sujeitos projetada no espaço tensivo.

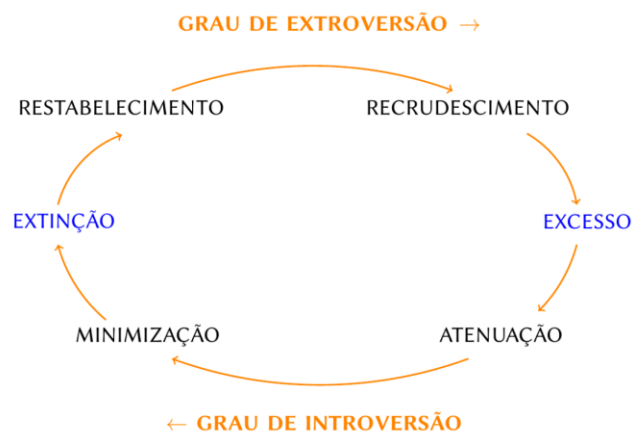


Fonte: Souza, 2018, p. 129, 130, 132, 133.

Do ponto de vista da variabilidade tensiva (Zilberberg, 2011 [2006], p. 49-61), os sujeitos extremos correm mais risco, pois aproximam-se das “beiras” dos movimentos de ascendência e descendência no espaço tensivo. O sujeito introvertido extremo arrisca-se à extinção, ao passo que o sujeito extrovertido extremo corre o risco de incorrer em excessos (Souza, 2016, p. 126-134). Os sujeitos mais moderados, por sua vez, têm maior facilidade de transformação, uma vez que a intensificação de destinação ou mesmo a modificação de destinador está, do ponto de vista tensivo, logo ao lado. Dessarte, o impacto da modificação de destinador em sujeito extremos é muito maior, como é o caso de

Augusto Matraga em “A hora e a vez de Augusto Matraga” por exemplo (Guimarães Rosa, 2001 [1946]). A complementaridade ou oposição entre esses tipos de sujeito pode ser visualizada na Figura 3, elaborada com base no estudo da variabilidade tensiva de Zilberberg, ou as chamadas “quantificações subjetivas”, nos termos de Tatit (2011).

Figura 3: Relação de equilíbrio entre PNs da introversão e da extroversão.



Fonte: Souza, 2016, p. 132.

A esta altura, talvez tenha ficado claro ao conhecedor das contribuições de Zilberberg à Semiótica a relação entre os quatro tipos de sujeito e os valores de abismo, universo, apogeu e absoluto (Zilberberg, 2012, p. 45-48). Com efeito, cada um dos sujeitos da tipologia é mais afeito a um dos valores que constituem a axiologia zilberberguiana¹⁰. Construídos com base em diferentes cruzamentos no espaço tensivo, os valores da axiologia de Zilberberg darão sustentação à tipologia aqui proposta. Os sujeitos introvertidos extremos serão movidos pelos valores de abismo, os sujeitos introvertidos moderados, pelos valores de universo, os sujeitos extrovertidos moderados, pelos valores de apogeu, e os sujeitos extrovertidos extremos, pelos valores de absoluto. A produtividade dessa equivalência deve transparecer na segunda seção deste artigo, no momento da análise do poema.

1.4 Campos subjetivo e objetivo. Os pontos de vista da enunciação e do enunciado

Foi dito, na subseção anterior, que importa à análise intersubjetiva distinguir pontos de vista internos ao sujeito e pontos de vista da alteridade. Para facilitar a exposição, cada um desses pontos de vista passará a receber uma designação. O ponto de vista do sujeito em estudo será chamado *campo*

¹⁰ Tenho em mente a acepção etimológica de “axiologia”, enquanto um sistema de valores, e não a acepção semiótica do termo, que tem por base valores externos ao modelo.

subjetivo (Souza, 2016, p. 101-107; Souza, 2018, p. 120, 122), ao passo que o ponto de vista exterior, do outro, será nomeado *campo objetivo* (Souza, 2016, p. 101-107; Souza, 2018, p. 120, 122). Essa distinção ajudará a compreender relações entre sujeitos, estando inclusas as relações assimétricas entre sujeitos da enunciação e do enunciado. Para isso, basta distinguir a natureza dos campos subjetivo e objetivo de cada instância. Quando tratamos dos sujeitos da enunciação, seu campo objetivo restringe-se à textualização, pois é apenas no modo de fazer dos sujeitos da enunciação que temos contato *não mediado* com sua disposição psíquica. Quando aparece a disposição psíquica de um sujeito da enunciação no texto, digamos, um narrador, temos um contato *mediado* com sua “realidade”, pois é a própria instância da enunciação, que lhe delega voz, que possui esse ponto de vista narrado. Mais uma vez, Bentinho, de *Dom Casmurro* (Machado de Assis, 1994 [1899]), é um exemplo que dá a ver a dimensão do problema. Quanto ao campo subjetivo dos sujeitos da enunciação, trata-se da complexidade resultante da relação entre campos subjetivo e objetivo dos sujeitos do enunciado. Em termos correntes, sabemos como pensam os sujeitos da enunciação por meio do que eles acham das coisas e dos outros. Os efeitos de sentido são diferentes quando há ou não coincidência entre campos subjetivo e objetivo dos sujeitos do enunciado. Se consideram que os sujeitos do enunciado percebem a realidade do mesmo modo que eles, então vão euforizar suas ações. Do contrário, as ações dos sujeitos do enunciado serão disforizadas, seja por ironia, seja por um castigo no final da narrativa etc.

A oposição entre campos subjetivo e objetivo dos sujeitos do enunciado, por sua vez, ancora-se na distinção feita na subseção anterior, entre extensidade introjetada, em que o sujeito crê, e a extensidade de seu mundo real, imposta pela alteridade. O sujeito do enunciado é tanto mais lúcido quanto mais há coincidência entre ambas, e tanto mais desvairado quanto menos há coincidência. Seu campo subjetivo é composto por seus ideais de intensidade e extensidade, ao passo que seu campo objetivo, dado pelo sujeito da enunciação, que o transcende, decorre de suas interações com sua realidade. É nesse confronto com o campo objetivo que as destinações à introversão ou à extroversão serão postas à prova.

Uma última adequação do modelo semiótico para a análise de relações intersubjetivas precisa ser feita antes de iniciar a análise. Ao final da subseção anterior, foi mencionada a equivalência entre os tipos de sujeito e a axiologia de Zilberberg. Há um segundo modelo que também é coincidente com essa axiologia. Trata-se da praxeologia de Tatit (2010, 107-125), baseada no liame entre o PN global e as figuras locais que são empregadas em seu desenvolvimento. Os tipos de prática que concebe são o resultado de combinações diferentes entre a tônica dada às figuras locais e a tônica dada ao projeto global, resultando nas práticas utilitárias, artísticas, desvairadas e impregnantes. A Tabela 3 mostra a relação entre figuras locais e projeto global.

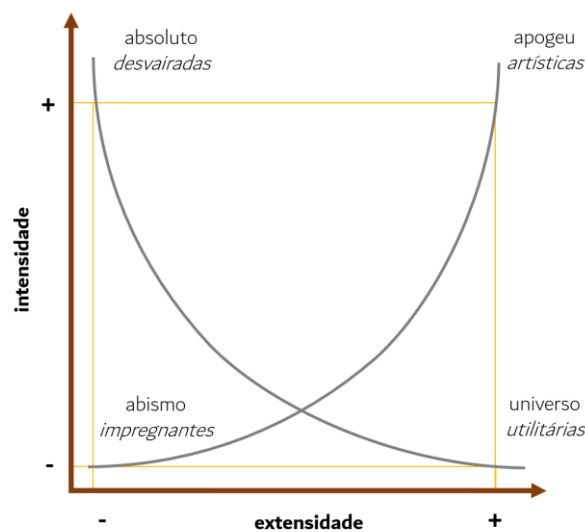
Tabela 3: Praxeologia de Tatit.

Práticas	Figuras locais	Projeto global
impregnantes	-	-
utilitárias	-	+
artísticas	+	+
desvairadas	+	-

Fonte: Souza, 2016, p. 128.

De acordo com o aproveitamento da silabação saussuriana que foi proposto por Zilberberg, o acento do plano da expressão é concebido como intensidade, ao passo que a extensidade dá conta da globalidade do projeto. Admitindo esse postulado de base, podemos organizar as práticas em um espaço tensivo, resultando nos quatro valores de Zilberberg (ver Figura 4).

Figura 4: Praxeologia de Tatit e axiologia de Zilberberg.



Fonte: Souza, 2016, p. 128.

A praxeologia de Tatit, com base no plano da expressão da silabação saussuriana, inspirou a adequação metodológica aqui proposta porque subsidia a análise do campo objetivo dos sujeitos da enunciação. Como foi mencionado acima, o campo objetivo desses sujeitos é recuperável por sua textualização. Pensar em termos de intensidade de figuras locais e sua relação com o projeto global permite homologar os resultados da análise do campo objetivo dos sujeitos da enunciação aos demais resultados. Os termos da praxeologia, a bem dizer, são empregados por seu autor para tratar seja do plano da expressão, seja do plano

do conteúdo. De minha parte, reservo esses termos para tratar exclusivamente do ponto de vista dos sujeitos da enunciação. Essa é uma decisão meramente didática, uma vez que os termos vão levar à mesma gama de valores da axiologia de Zilberberg.

Terminada a introdução às adequações feitas à metodologia semiótica para a análise de relações intersubjetivas, a seção seguinte é dedicada a sua aplicação.

2. Análise do poema “extrair”

Os velhos decrépitos mendigam o acréscimo de mais alguns anos. Simulam ser mais jovens do que realmente são. Desvanecidos com a brandura da mentira dessa lisonja, muito a gosto, eles se iludem como se também enganassem o destino.

Quando algum achaque admoesta-os sobre sua mortalidade, ficam estarecidos de medo, não porque devem deixar esta vida, e, sim, por serem dela arrebatados por ato violento.

Então, declaram-se insensatos por não terem vivido e, ao superar a crise, dizem que almejam viver na quietude. Frustrados, compreendem ter acumulado para não desfrutar. Assim, precipita-se no vácuo toda fadiga (*Sêneca – Da Brevidade da Vida*).

Em “extrair” (2015, p. 93), de Arnaldo Antunes, uma grande distância interpõe-se entre o PN do narrador e do ator “eu”, embora entrem em sincretismo. Essa distância espraia-se de tal modo que repercute na disposição dos versos. O narrador inicia o poema anunciando a ação de seu PN: “extrair”. Entretanto, para que o narratário conheça seu objeto, “a vida”, tem de *esperar* por onze longos versos, que constituem quase a totalidade do poema. Com esse recurso, o narrador aproxima o narratário da vivência do ator “eu”, fadado a cumprir as longas etapas de um cotidiano maquinal à *espera do inesperado* (Greimas, 2002 [1987], p. 90). Essa *espera* é uma estratégia enunciativa para disforizar o *modus operandi* do ator “eu”. Desse modo, importa ressaltar, o narrador está disforizando seu próprio *modus operandi* em um tempo passado não determinado, mas anterior à enunciação.

1	ex
2	trair
3	do tempo improvável, do improvável,
4	de suas maquinações, ações,
5	do ato regular que se dissipa em método, todo

6 hábito que habito, repito,
 7 da meta inalcançável que me fita, cripta
 8 do incontável número dos dias vividos, idos,
 9 da inumerável cota dos dias por vir, ir,
 10 da engrenagem que não para, dispara,
 11 sacode o chão que piso, piso
 12 de um ônibus em movimento, momento
 13 em que me agarro ao cilindro de metal do alto
 14 –
 15 a vida
 16 –
 17 não a que resta ainda, indo,
 18 mas a que transborda de cada ar expirado, inspirado,
 19 até que arrebente, vente.

No poema transcrito acima, a palavra inicial já chama a atenção por ser dividida entre os dois primeiros versos, formando um *enjambement* exacerbado, pois propõe a ruptura do verso no meio de uma palavra. Por um lado, da perspectiva do plano do conteúdo, a segmentação da palavra “extrair” produz “ex” e “trair”. Coadunando a ideia já contida em “extrair”, “ex” sensibiliza para a existência de algo que precisa ser posto para fora, além de acrescentar uma noção de disjunção de um sujeito, que deixou de ser algo, como em “ex-namorado” ou “ex-jogador”. O termo “trair”, por sua vez, alerta para a existência de uma relação polêmica, corroborando a acepção disjuntiva.

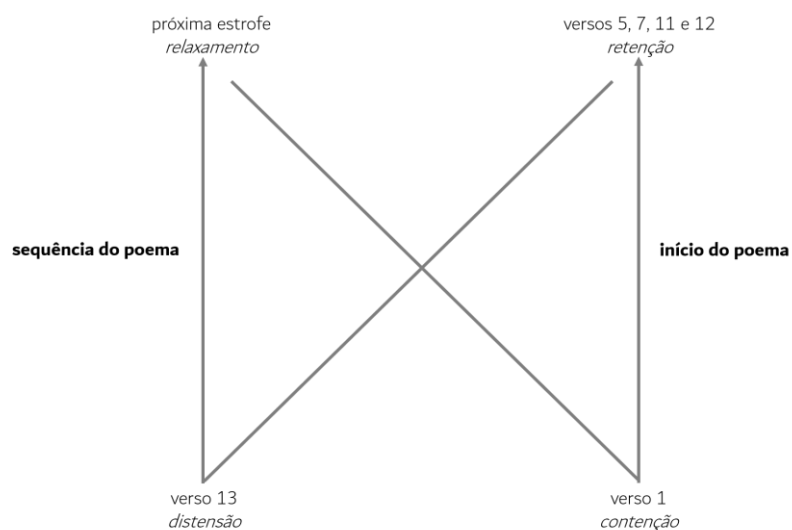
Por outro lado, sob a ótica do plano da expressão, a segmentação da palavra expande a extensidade do poema, aumentando, desse modo, a distância entre sujeito e objeto. Essa cisão da palavra avoluma a exigência de competencialização para a realização do PN. Essencialmente, considero que o emprego do *enjambement* é um recurso do plano da expressão que agrega aos conteúdos associados a acepção de prolongamento da espera.

O recurso ao *enjambement* está presente em outros versos do texto, mas não se apresenta mais de maneira exacerbada. Ele aparece novamente nos versos cinco, sete, onze e doze. O décimo terceiro verso é o último da primeira estrofe. Sendo precedido por dois versos terminados em *enjambement*, sem intervalos, ocorre um aumento da espera no final da estrofe, até que a tensão torna-se

insustentável e exige o relaxamento. O último verso da estrofe é longo, como um desabafo. Trata-se da distensão do conteúdo contido e, depois, retido.

A modulação passional subjacente a esse desabafo pode ser visualizada no quadrado tensivo da Figura 5. Concebido por Zilberberg (2006 [1988], p. 161) para representar a dinamização tensiva do quadrado semiótico, o quadrado tensivo foi empregado, mais tarde e com modificações, para representar as modulações passionais (Zilberberg; Fontanille, 2001 [1998], p. 232), as quais foram introduzidas pelos estudos da semiótica das paixões (Greimas; Fontanille, 1991).

Figura 5: Quadrado tensivo dos *enjambements* do poema.



Fonte: Souza, 2016, p. 160.

A estrofe seguinte é uma totalidade relaxada, fechada em si, separada pelos diacríticos “-”. A tensão que se ia acumulando ao longo do poema encontra sua solução nessa segunda estrofe, que traz, finalmente, “a vida” como objeto do PN. O relaxamento não se dá, portanto, apenas no plano da expressão. A “vida” é o objeto exigido como complemento da ação “extrair”, anunciada no início do poema e interpolada por onze versos.

A última estrofe estipula a que tipo de “vida” o narrador se refere. Não se trata de qualquer vida. Entretanto, essa definição apresenta-se separada em outra estrofe para que o verso “a vida” goze das propriedades do relaxamento em sua plenitude. No plano da expressão da última estrofe, não há *enjambements* para que cada verso seja fechado em si. Após o relaxamento, não é criada uma nova tensão. O verso dezoito é o mais longo de todo o poema pois, nesse ambiente relaxado, mesmo um trecho extenso de texto não precisa esperar por

um novo verso para se completar. As distâncias entre sujeito e objeto foram reduzidas.

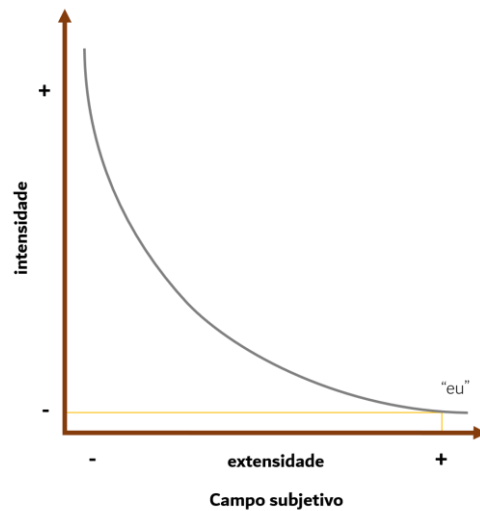
No plano do conteúdo, os cinco primeiros versos são impessoais, como se o narrador generalizasse o PN que propõe a qualquer um. Nesse sentido, restringe-se a uma manipulação do narratário. No sexto verso, no entanto, o narrador inclui entre os destinatários do PN a si mesmo, quando estabelece um sincretismo com o ator “eu”, que se caracteriza por estar preso à rotina. O peso da repetição rotineira exercida pelo ator é refletida no plano da expressão. Em “todo hábito que habito, repito”, são escolhidas formas lexicais quase idênticas em “hábito” e “habito”, além de o final da palavra ecoar em “repito”.

Essa rotina é logo disforizada pelo narrador, uma vez que é apresentada como uma pedra bruta da qual é necessário extrair a pepita, mesmo que essa parte valorizada, euforizada, ainda não tenha sido manifestada nos primeiros versos do texto. Ao se incluir entre aqueles que devem proceder à extração, dá fé de que a pedra bruta é disfórica. Ao mesmo tempo, a ideia de extração leva a entender que se trata de um PN de disjunção parcial do objeto. Há, nele, algo que deve ser mantido e que é valioso.

A “meta inalcançável” que aparece no sétimo verso é declarada como um antissujeito. Oposta à “vida”, ela é a morte do passado e do futuro do “eu”, sendo a “cripta” dos “dias vividos” e dos “dias por vir”. É ela quem desvitaliza a “vida”, tornando-a mecânica. Uma vez inalcançável, o PN em sua direção carece de sentido e se esvazia.

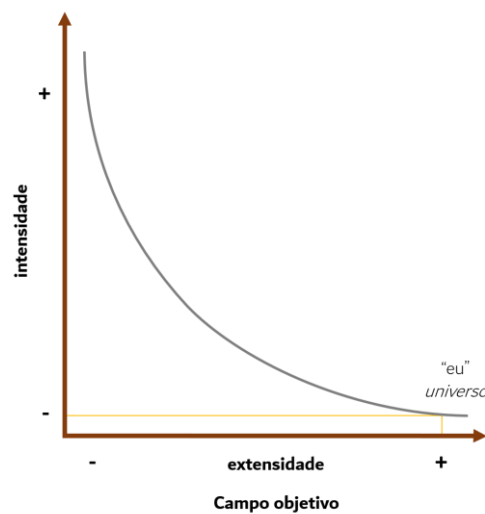
O sujeito “eu”, não obstante, está aprisionado ao PN que leva à meta inalcançável. A conjunção com as “maquinações”, o “método”, o “hábito”, a “meta inalcançável” e a “engrenagem” é evidente, do contrário ele não teria esse material bruto de onde extrair a “vida”.

Desse modo, o “eu” é apresentado como um sujeito afiliado ao PN da introversão. Afeito à modalidade do saber, o sujeito metódico não tem escapatória. Se o método é qualificado como um “conjunto de meios dispostos convenientemente para alcançar um objetivo” (Borba, 2002), então ele só pode ser associado ao tipo de sujeito que possui alta extensidade e baixa intensidade no campo subjetivo (ver Figura 6).

Figura 6: Representação do campo subjetivo do ator “eu”.

Fonte: Souza, 2016, p. 162.

Além disso, estamos diante de um sujeito introvertido moderado, uma vez que é capaz de agir no campo objetivo (“hábito que habito, repito”). Em outras palavras, trata-se de um sujeito que *atualiza* seu introvertimento *virtualizado*. Dessa maneira, no campo objetivo, corre menos risco de ser minimizado e extinguido porque, diferentemente do subtipo complementar, que é o sujeito introvertido extremo, ele consegue manter a extensidade de seu campo objetivo mais aberta, apesar de ter uma baixa intensidade. Sua disposição está vinculada aos valores de universo (ver Figura 7).

Figura 7: Representação do campo objetivo do ator “eu”.

Fonte: Souza, 2016, p. 163.

O “método” é um grande aliado do sujeito introvertido por ajudar a mantê-lo na condição de moderado. O sujeito introvertido tende a reduzir a extensidade do campo objetivo para se dedicar em profundidade a cada ponto, correndo o risco de se extinguir caso a reduza a zero. Valer-se de um método significa lançar mão de uma reflexão profunda já estabelecida, agilizando o processo de exploração da extensidade do campo objetivo para esses sujeitos inclinados à meticulosidade. Portanto, o método permite a esse sujeito que se espraie pelo campo objetivo nas repetições maquinais e regulares, na segurança de seu hábito, de modo que a extensidade seja alargada em um “incontável número de dias vividos” e uma “inumerável cota dos dias por vir”.

Os elementos dados na primeira estrofe poderiam ser encaminhados para uma continuação feliz rumo à “meta inalcançável”, prescindindo das estrofes seguintes. O sujeito introvertido tem sua disposição psíquica constituída de modo a euforizar a atonia e a desaceleração dos dias incontáveis que foram e que estão por vir. No caso do sujeito introvertido moderado, seu método propicia a ocasião de continuar afeito à baixa intensidade e à alta extensidade intrapsíquica, isto é, do campo subjetivo, sem extinguir a extensidade do campo objetivo. Essa perfeita cotidianidade funciona, portanto, como um equilíbrio aprazível para esse tipo de sujeito.

Mas, o narrador alerta para uma outra faceta da história, mostrando que não partilha exatamente dos mesmos valores do ator “eu”. Ainda que sejam sincréticos, como foi dito no início da análise, o sujeito da enunciação sentiu-se “traído” e deseja alguma sorte de disjunção pela “extração”. Sendo seu campo subjetivo formado pelos campos subjetivo e objetivo do ator, avalia de um ponto de vista transcendente a vivência que narra. Para ele, como mencionamos acima, a “meta inalcançável” assume ares de antissujeito, exaurindo seu sentido de meta, assim como a figura da “cripta”, a que também aludimos antes, denuncia os dias gastos rotineiramente em prol dessa “meta” como sendo o sepultamento da vivacidade da “vida”. Assim, o narrador reclama o aumento da intensidade, “colocando um pé” fora da atmosfera da introversão, ou extraindo-se da introversão, se preferirmos.

O sincretismo entre narrador e “ator” promove uma identidade entre ambos. Se acontece de suas constituições subjetivas serem diferentes, é porque os indivíduos mudam. O que mantém seu liame identitário é o jogo entre seus projetos potencializados e seus atos realizados, conforme explica Edward Lopes: “Afinal, o ator narrativo é um *ser histórico* na medida em que *o que ele é* hoje, é o resultado de ter-se realizado em ato o que nele existia em potência ontem, e na medida em que o que nele existe em potência hoje, for realizado feito ato, amanhã” (1989, p. 156 – itálicos do original).

De acordo com Tatit (2010, p. 45-70), uma precondição do acontecimento é a existência prévia de um destinador potencializado de modo átono. Do contrário, não poderia haver a conjunção entre sujeito e objeto, posto que o objeto não poderia sequer ser um objeto-valor. É o estatuto potencializado átono do destinador que acelera a conjunção, fazendo com que o objeto *já seja* enquanto o sujeito *não é ainda*.

No texto em análise, é reconhecível o momento de transformação entre o ator “eu” e seu correlato no tempo presente da enunciação, o narrador. O destinador potencializado átono da extroversão, cujos valores serão admitidos pelo sujeito de modo a realizá-los na própria feitura do enunciado, manifesta-se no décimo verso do poema.

A abertura dada ao destinador da extroversão ocorre no momento em que a expectativa do sujeito em relação ao contrato estabelecido com o destinador da introversão é frustrada. Sendo ele introvertido, seu interesse é o de se preservar da exposição aos acontecimentos. O exercício, desacelerado e átono, que é esperado por esse tipo de sujeito é mantido até o nono verso, na repetição maquinal dos métodos, dos hábitos, que prolongam o passado e o futuro em uma temporalidade “incontável” ou “inumerável”. De chofre, essa constância é rompida no campo objetivo do sujeito: aquilo que “não para, dispara” sem aviso prévio. Um incidente corriqueiro, figurativizado pela aceleração da marcha de um ônibus, faz com que esse sujeito, até então estabilizado, perca o chão (“sacode o chão que piso”).

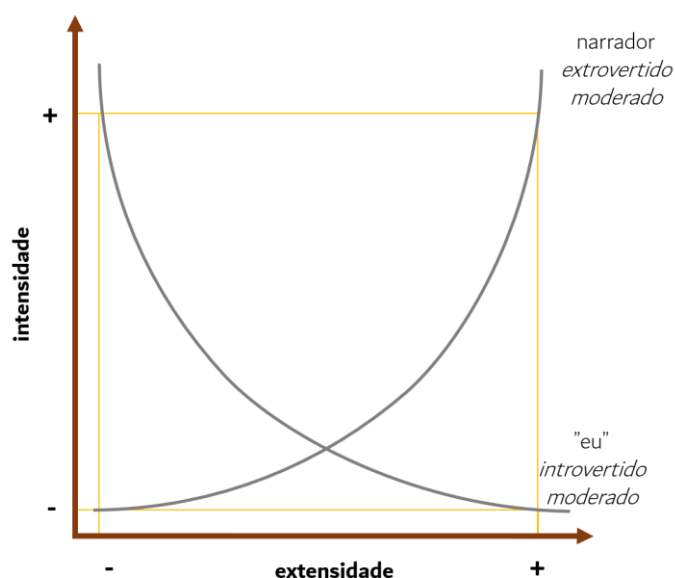
O sacolejo do “ônibus” promovido pela aceleração causa no sujeito o sentimento de que a “cota dos dias por vir” não é realmente “inumerável”. Acelerado, seu porvir é estreitado. De nada valeu a atonicidade de seus atos: o que não era esperado aconteceu, mostrando que sua extensidade, tão cara, pode ser reduzida. Suas ações consequentes não lhe proveram a perfeita realização, no campo objetivo, daquilo que cuidadosamente elucubrara em seu campo subjetivo.

Para manter seu objeto-valor, agarra-se ao “cilindro de metal do alto”, verso que é seguido pelo próprio objeto, “a vida”, aproximando o ato de se agarrar ao objeto “vida”.

Esse sujeito acometido pelo acontecimento não se entrega: agarra-se à vida, mesmo que o custo seja uma mudança em sua configuração intrapsíquica. Não se trata, porém, de uma transformação radical. Tenhamos em vista que o narrador não propõe o abandono das atividades mecânicas e metódicas praticadas pelo sujeito. Ele não está completamente livre de suas responsabilidades de sujeito consequente. O que propõe é uma ressemantização das ações cotidianas, em um projeto similar àquele da “espera do inesperado”, introduzido por Greimas (2002 [1987], p. 90).

É “do tempo do improvável” que cumpre “extrair” a vida; do ritmo maquinal, regular e dessemantizador do método deve surgir a vida. Esse aumento de vivacidade, de intensidade, ao lado da manutenção dos exercícios repetitivos praticados na extensidade, dá as coordenadas para identificarmos os valores a que esse narrador transformado é afeito: aos valores de *apogeu*. Ainda que o acontecimento tenha levado ao abandono dos valores de introversão, ele adere aos valores da extroversão em sua forma moderada. A Figura 8 apresenta essa transição entre o “eu”, que é o narrador no passado, e o narrador no momento da enunciação.

Figura 8: Comparação entre o ator “eu” e o narrador.



Fonte: Souza, 2016, p. 166.

O narrador coloca em evidência sua mudança de destinador. A “vida” que pretende “extrair” não é mais “a que resta ainda, indo”, mas sim a que “transborda de cada ar expirado, inspirado”. Enquanto a vida que resta ainda descreve uma curva tensiva descendente, com baixa intensidade e alta extensidade, de acordo com os valores de universo do ator “eu”, a vida que transborda de cada ar expirado, inspirado, mantém a longa extensidade da temporalidade intacta, mas soma a ela a ampliação da intensidade, formando um gráfico em correlação conversa, que corresponde aos valores de apogeu do narrador.

O ar expirado e inspirado, em ambas as acepções de inspiração, chega efetivamente a um apogeu: “até que arrebente, vente”, dada a qualidade mítica

das correlações conversas (e... e...; nem... nem...)¹¹. O vulto mítico da proposta do narrador é constituído da ousadia de acelerar e tonificar a cotidianidade, ressemantizando-a.

A especificidade do narrador não se manifesta apenas em seu campo subjetivo. Seu campo objetivo, que é restrito aos procedimentos de textualização, dada sua natureza enunciativa, reflete seus valores de apogeu desde o princípio, pois, se a transformação do “eu” ocorre no meio do caminho, o narrador é um sujeito transformado desde o início do ato de enunciar.

Efetivamente, os valores de apogeu do narrador, que são dedutíveis do plano do conteúdo, também se dão no plano da expressão pelos processos de textualização que seleciona. Trata-se, portanto, de um texto que mantém afinidades entre as figuras locais intensas e o projeto global, na extensidade. Retomando o que foi dito na subseção 1.4, as instâncias da enunciação aliadas aos valores de apogeu são aquelas das *práticas artísticas*.

Já tivemos a oportunidade de apresentar alguns elementos da textualização que respaldam o pertencimento do narrador de “extrair” às práticas artísticas. Um exemplo é a criação da estrutura missiva do poema por meio do recurso aos *enjambements* que, enquanto figuras locais, constroem a significação global.

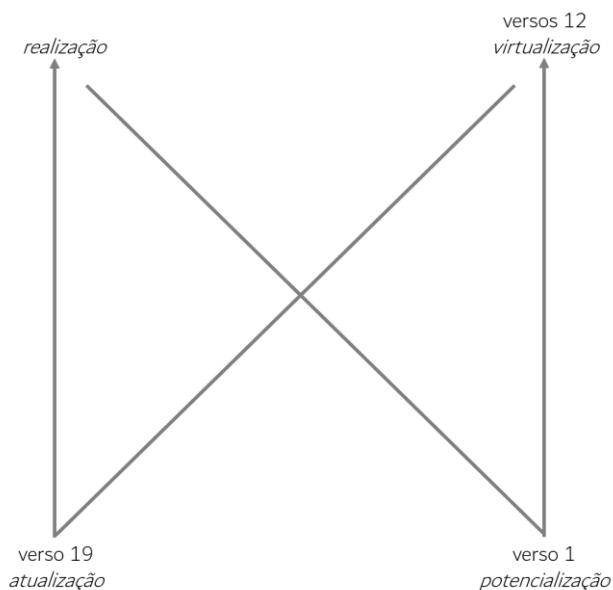
O narrador também cria, com figuras parciais, um vínculo entre a potencialização, a virtualização e a atualização do PN global que propõe. As últimas sílabas poéticas de cada verso do poema têm como núcleo silábico as vogais *i* ou *a*, excetuando-se os versos quatro e cinco, terminados em *o*, e os versos um, doze e dezenove, terminados em *e*. São estes últimos que nos interessam. O primeiro verso, “ex”¹², responde pela potencialização tônica de seu projeto. Como assinalado acima, “ex” já adianta a necessidade de colocar algo para fora, enquanto também instaura a espera do narratário, alinhando-o à experiência do “eu”. Há, nesse verso, a percepção de que o sujeito não está bem como está. Em sua mente, há um outro estado de coisas que almeja. Esse projeto potencializado virtualiza-se no verso doze, “de um ônibus em movimento, momento”, quando a incompletude e insuficiência do sujeito ficam patentes. No último verso, “até que arrebente, vente”, ocorre a atualização: a falta do sujeito fica claramente estabelecida, identificada como a necessidade de a vida arrebentar, ventar, isto é, aumentar em tonicidade e aceleração. Sendo o poema a expressão de um projeto, não se dá a realização.

¹¹ O debate a respeito da atmosfera mítica das correlações conversas pode ser consultado em Zilberberg (2012, p. 39-43).

¹² Poderíamos considerar o dialeto paulistano do autor e ler os dois primeiros versos como [is.tʁa.'ir], mas a quebra da palavra força a pronúncia [es] no primeiro verso.

Concebidos inicialmente por Greimas para dar conta de uma existência não ontológica, os modos de existência foram revistos pela ótica tensiva, primeiro, em um esboço (Zilberberg, 2006 [1988], p. 112) e, mais tarde, incorporando a quarta categoria dos modos de existência que foi introduzida em Semiótica das Paixões (Greimas; Fontanille, 1991, p. 264), isto é, a potencialização (Zilberberg; Fontanille, 2001 [1998], p. 134). A Figura 9 ilustra os modos de existência do PN do narrador por meio das sílabas poéticas finais de versos com núcleo “e”, de acordo com essa última concepção do quadrado dos modos de existência.

Figura 9: Modos de existência das sílabas poéticas finais de versos com núcleo “e”.



Fonte: Souza, 2016, p. 167.

Ainda pode ser inferido que o espalhamento de vogais médias, *o* e *e*, constituem uma quebra da expectativa construída no emprego contundente das vogais de altura extrema, *a* e *i*, espelhando, no plano da expressão, os valores globais de compromisso com o acontecimento extraído do cotidiano. Essa mesma relação de quebra de expectativa é gerada pelo verso dezoito. Contendo dezessete sílabas poéticas, ele é alocado na última estrofe entre dois versos de oito sílabas poéticas cada um. Os versos de oito sílabas destacam-se no poema por ser a extensão mais repetida. Há quatro versos com essa amplitude, sendo que as demais métricas repetem-se no máximo duas vezes; isto, quando são repetidas. Na última estrofe, pois, em meio a dois versos organizados sob o maior regramento métrico do poema, apresenta-se a maior exceção.

Aderindo aos valores de apogeu, o narrador nega o PN da introversão e adere ao PN da extroversão. Com isso, mantém a predisposição à extensidade em campo objetivo, assegurando um vínculo com sua identidade. A vantagem de

amenizar o radicalismo da mudança de PN não pode ser subestimada. Como diz E. Lopes, todo processo de abandono de parte da identidade é sentido como uma centelha de morte, como um “modo do não poder ser” (1989, p. 160). Reduzir a radicalidade das transformações é uma maneira de preservar a identidade. Sendo assim, conforme foi dito na subseção 1.3, os subtipos de sujeito que são moderados caracterizam-se pelo poder diplomático, posto estarem em uma área de fronteira entre as destinações opostas, de modo a não ter de abdicar de tudo que há em si para passar para o lado oposto.

No caso específico desse texto, nosso narrador disforiza os valores de universo, argumentando que o planejamento extremo do campo subjetivo é impraticável no campo objetivo. Considera mentiroso o contrato do destinador da introversão ao afirmar que seus valores *parecem* alongar a vida, mas não o fazem, pois há os acontecimentos, em detrimento do planejamento, que podem abreviá-la ou anulá-la em um átimo: que seja em um acidente de ônibus. Por falta do controle da extensidade de sua vida, decide aumentá-la em intensidade, euforizando a extroversão. Desse modo, o “eu” assume a existência de um sujeito que age meticulosamente e, mesmo assim, tende a receber uma sanção negativa. A significação agregada a esse “eu” é a de um *sujeito ludibriado*.

Por outro lado, o narrador, ao se afastar apenas parcialmente dos valores de universo, continua adepto à larga extensidade no campo objetivo. O problema daí derivado é que seu projeto é utópico. Pertencente a uma correlação conversa, ele é distanciado da lógica humana e parece de difícil execução. Todavia, o narrador mostra ser competente ao praticar seus valores de apogeu no processo de textualização. Sendo improvável, concessivo, seu fazer é a expressão de uma maior força da modalidade do poder, doada pelo destinador da extroversão.

Esse texto, inclusive, retrata bem a inclinação do narrador e do “eu” à destinação do tipo moderada. Mais aptos à atualização, as modalidades que os caracterizam são as atualizantes. Se o querer fazer do narrador e o dever fazer do “eu” podem ser subentendidos, o poder fazer do narrador é explícito em seu processo de textualização, ao passo que o saber-fazer do “eu” é declarado em sua competência de sujeito metódico.

A contraposição entre os valores do “eu”, um sujeito ludibriado, e os valores do narrador, um sujeito ousado que descobriu a falsidade de se sentir acomodado quanto ao andamento da vida (a extensidade da vida não *parece* nem *é* conhecida), gera o sentido de uma transformação eufórica, de libertação. Os valores apresentados pelo narrador, e ainda não *realizados*, fazem do texto um manifesto que reivindica uma nova ordem de coisas.

Ocorre que o narrador mostra que o “eu”, cuja organização intrapsíquica é de um sujeito *introvertido moderado*, na verdade pode tornar-se um sujeito

introvertido extremo, em risco de extinção, na medida em que sua intensidade é baixa e sua extensidade pode ser subitamente encurtada.

Além do estabelecimento da “realidade” do “eu” dada pelo narrador no campo objetivo, declarando seu risco de pertencer aos valores de abismo, há também aquilo que o narrador projeta para o futuro em seu “manifesto”. E. Lopes (1989, p. 160) assimila os projetos futuros dos atores das narrativas com o *ideal de eu* freudiano; inclusive, considera que essa projeção construída pelo *eu carente* do presente corresponde à vida em nível fundamental, oposta à morte, que é atribuída a sua relação com o *eu ideal* do passado, da infância. No caso do poema de Arnaldo Antunes, é o próprio valor abstrato da vida que é figurativizado como objeto.

Convém lembrar que o valor de sujeito ludibriado do “eu” só pôde ser construído a partir de um ponto de vista externo, do narrador, ao passo que o valor de *sujeito insurgente* do narrador não poderia acontecer sem a relação que estabeleceu com seu “eu” anterior. É na imbricação intersubjetiva que parecem mesmo ser construídas as personalidades de nossos sujeitos. O campo subjetivo do narrador, desse modo, é construído pela sua discrepância entre os campos subjetivo e objetivo do “eu”. Se é verdade que a significação é transformação, então a apreensão da insurgência de nosso narrador não é derivada simplesmente de seus valores de apogeu, que, inclusive poderiam ser manifestados de outros modos em diferentes textos. Cumpre levar em consideração os valores que nega no outro, ainda que esse outro seja ele mesmo no passado, para caracterizar a afirmação de seus próprios valores. Como já estamos acostumados a pensar em semiótica, nos entrecruzamentos intersubjetivos, as instâncias da enunciação fundam o texto, ao passo que os textos as edificam. ●

Referências

- ANTUNES, Arnaldo. extrair. In: *agora aqui ninguém precisa de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 93.
- ARRIVÉ, Michel; COQUET, Jean-Claude. (orgs.). *Sémiotique en jeu: à partir et autour de l'oeuvre d'A. J. Greimas*. Paris/Amsterdam/Philadelphia: Hadès-Benjamins, 1987.
- BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- COELHO JR., Nelson; FIGUEIREDO, Luís Claudio. Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: Dimensões da alteridade. In: COELHO JR., Nelson, SALEM, Pedro; KLAUTAU, Perla (eds.). *Dimensões da intersubjetividade*. São Paulo: Editora Escuta, 2012. p. 19-35.
- FIORIN, José Luiz. O sujeito na semiótica narrativa e discursiva. *Todas as letras*, vol. 9, nº. 1, 2007. p. 24–31. Disponível em:

- <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/649>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2020.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Humanitas–USP, 2001 [1998].
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Trad. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens I: Essais Sémiotiques*. Paris: Seuil, 1970.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens II: Essais Sémiotiques*. Paris: Seuil, 1983.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Sémiotique des passions*. Des états des choses aux états d'âme. Paris: Seuil, 1991.
- GUIMARÃES ROSA, João. A hora e a vez de agosto matraga. In: GUIMARÃES ROSA, João. *Sagarana*. São Paulo: Nova Fronteira, 2001 [1946].
- LOPES, Edward. Paixões no espelho: Sujeito e objeto como investimentos passionais primordiais. *Cruzeiro semiótico*, vol. Julho, nº. 11-12, 1990. p. 154-160.
- LOPES, Marcos. L'analyse du récit d'après Freud et Propp. *Revue de synthèse à orientation sémiologique*, vol. Septembre, nº. 114-115, 2003. p. d1-d32.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Dom Casmurro. In: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994 [1899].
- SOUZA, Paula Martins de. Do balanço das ondas ao balanço da saia: por um projeto secreto rumo à extroversão. *Estudos Semióticos*, vol. 8, nº. 2, 2012. p. 76-90. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2012.49516>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2020.
- SOUZA, Paula Martins de. *O sujeito semiótico*. Uma tipologia. (Tese de Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, SP, 2016. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15082016-120723/pt-br.php>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2020.
- SOUZA, Paula Martins de. Cuestiones de (inter)subjetividad en semiótica. *Tópicos del Seminario*, Puebla, nº. 40, 2018. p. 115-136. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-12002018000200115&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2020.
- TATIT, Luiz. *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- TATIT, Luiz. Quantificações subjetivas: crônicas e críticas. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 42, 2011. p. 35-50. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/42/artigo2.pdf>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2020.
- ZILBERBERG, Claude. *Razão e poética do sentido*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Editora Edusp, 2006 [1988].
- ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011 [2006].
- ZILBERBERG, Claude. *La structure tensiva*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2012.

Intersubjective relationships in "extrair", a poem by Arnaldo Antunes

SOUZA, Paula Martins de

Abstract: This paper aims to study some meaning mechanisms related to intersubjective relationships in texts. Its methodology relies on French Semiotics, namely on contributions from Greimas, Zilberberg, Fiorin, and Tatit, on one hand, and on the intersubjective matrix by Coelho Jr. and Figueiredo on the other hand. Greimas main contributions to this work are related to both his generative process of meaning on the contents plane and the postulate of its junction with the expression plane. It follows the view from Zilberberg concerning the most abstract level of signification, as well as his proposed axiology (absolute, universe, apogee, and abyss values). From Fiorin it brings in the distinction among the various subjects of discourse, and from Tatit his praxeology which will enable this work to clearly distinguish among several modes of doing of the subjects of enunciation. Tatit also provides a new interpretation of the Greimasian concept of event. Based on those grounds, this paper shall establish an opposition between the objective and the subjective fields that regulate interactions among different kinds of subjects. The poem "extrair" by Arnaldo Antunes has been chosen to validate these mechanisms. Outcomes from this analysis allow for a better understanding of the intersubjective machinery supporting an insurgent subject configuration as depicted by the narrator of the poem.

Keywords: Semiotics; Psychoanalysis; intersubjectivity; poem.

Como citar este artigo

SOUZA, Paula Martins de. Relações intersubjetivas em "extrair", de Arnaldo Antunes. *Estudos Semióticos* [on-line]. Volume 16, número 1. Dossiê temático "Semiótica e Psicanálise". São Paulo, julho de 2020, p. 70-97. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

SOUZA, Paula Martins de. Relações intersubjetivas em "extrair", de Arnaldo Antunes. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 16.1. Thematic issue: Semiotics and Psychoanalysis. São Paulo, July 2020, p. 70-97. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: year/month/day.

Data de recebimento do artigo: 20/01/2019.

Data de aprovação do artigo: 13/03/2019.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.
This work is licensed under a Creative Commons License CC BY-NC-SA 4.0.

